



A HORA DA CULTURA EM CLARICE LISPECTOR¹

THE HOUR OF CULTURE IN THE CLARICE LISPECTOR

Rony Márcio Cardoso Ferreira²
Edgar César Nolasco³

RESUMO: No início do segundo semestre do ano de 2007 iniciamos o desenvolvimento do plano de trabalho “Cultura e contracultura em Clarice Lispector (de 1970 à contemporaneidade)” enquanto bolsista e pesquisador de Iniciação científica pelo PIBIC/CNPq. A nossa pesquisa propôs o estudo do livro *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, tendo por base teórico-crítica os Estudos Culturais e a Literatura Comparada. Entre os objetivos centrais destacamos: discutir tal livro da escritora valendo-se do contexto da realidade cultural brasileira nos anos de 1970, pensar na relação literatura x cultura a partir do que propõem os Estudos Culturais e, por fim, ler culturalmente a obra da intelectual atrelada ao contexto contracultural da época. Para tanto, foram realizadas leituras críticas da produção da escritora e de uma bibliografia especializada, que nos auxiliasse a levantar hipóteses, comprovadas no decorrer da pesquisa, sobre o processo de criação do objeto cultural em seu cenário social, histórico e ideológico. É de suma importância ressaltar aqui que, conforme as hipóteses de nosso trabalho foram sendo comprovadas, elaboramos diversos estudos científicos que já se encontram hoje publicados em livros, revistas (impresas e eletrônicas), em *Anais* de congressos, nacionais e internacionais, entre outros meios de divulgação. Por fim, nossos estudos sugerem que a obra posta à exame propõe uma revisão crítica não só do período em questão, mas, principalmente, de toda produção anterior da intelectual Clarice Lispector. Em outras palavras, sua última produção leva a cabo uma revisitação crítica dos pressupostos que ancoravam os seus livros modernistas anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: *A hora da estrela*, ditadura militar, intelectual.

ABSTRACT: At the beginning of the second semester of 2007 we started our work plan development “Culture and Counterculture in Clarice Lispector (from 1970 to nowadays)” as scientific researchers in initiation for PIBIC/CNPq. Our research studies the book *The Hour of The Star* (1977), by Clarice Lispector, taking the theoretical-critic bases from the Cultural Studies and the Comparative Literature Studies. The main aims are: discuss the writer's novel through the real Brazilian cultural context in the 1970s, think about the relationship between literature and culture through the Cultural Studies and make a cultural reading on the works of the intellectual writer based on the countercultural context at that time. We critically read the

¹ Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada como Relatório Final de Iniciação Científica 2007/2008, PIBIC/CNPq, como conclusão do projeto intitulado “Cultura e contracultura em Clarice Lispector (de 1970 à contemporaneidade)”, sob orientação do Prof. Dr. Edgar Cezar Nolasco.

² Acadêmico do Curso de Letras do DLE/ CCHS/ UFMS, bolsista de Iniciação Científica CNPq - PIBIC 2008/2009 com o Plano de trabalho intitulado “Tradução cultural em *A hora da estrela* de Clarice Lispector”, vinculado ao projeto denominado “Clarice Lispector tradutora”, financiado pelo CNPq (edital universal) e coordenado pelo Dr. Edgar César Nolasco. O autor é Monitor da disciplina Teoria da Literatura II – 2008. E-mail: cardoso_rony@hotmail.com

³ Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduações do DLE/CCHS/UFMS. E-mail: ecnolasco@uol.com.br



writer's works and some specialized books which helped us raise hypotheses, all proved during the research, about the creative process of the culture object in its social, historical and ideological scene. It is worth pointing out that as the hypotheses were being proved, we did some scientific studies which are already published in books, national and international magazines. Finally, our studies suggest that the analysed work proposes a critical review not only about the moment under discussion, but mainly about all Clarice Lispector's previous creation. In other words, her last creation offers us a critical review about her modernistic previous books.

KEYWORDS: The Hour of the Star, military dictatorship, intellectual.

1. A década de 70 na literatura de Clarice

A história é o que fere, o que recusa o desejo e impõe limites inexoráveis ao indivíduo e a práxis coletiva.

(Fredric Jameson, *O inconsciente político*).

Nossa pesquisa centra-se em focalizar a relevância que *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, possui frente aos estudos voltados para a cultura brasileira e ao projeto modernista levado a cabo pela própria intelectual durante sua vasta obra. A nosso ver, o estudo aqui em questão é de grande importância por se tratar de uma revisão não só da cultura brasileira nos anos de 1970, como também de alguns estudos realizados após os trinta anos de morte da escritora e publicações do livro posto à exame.

Para tanto, partimos do postulado de que Macabéa, uma das personagens da obra, pode ser concebida enquanto um constructo ficcional, que alegoriza a situação desconfortante em que se encontrava o povo brasileiro diante da censura imposta pelo governo militar e dos reflexos contraculturais que se impunham na cultura nacional. Outra personagem alegórica de tal novela é o escritor/ narrador/ intelectual Rodrigo S. M., que em nossa pesquisa é tomado como um retrato fidedigno dos escritores e intelectuais latino-americanos no período da repressão militar.

Com relação aos estudos realizados durante esses trinta anos que nos afastam da publicação da obra aqui estudada, vemos que a crítica passou por uma mutação considerável. De hermética, alienada e introspectiva, a crítica passou a perceber Clarice enquanto uma intelectual que tecia entre as linhas de sua escritura, clara e magistral, as transformações pelas quais passou o meio cultural brasileiro no decorrer dos anos.



Afora o mencionado, é de suma importância lembrarmos que foi na tão conturbada década de 70, que Clarice trabalhou na imprensa. Segundo sua biógrafa, Nádya Bottella Gotlib, a escritora não havia “resistido” ao trabalho jornalístico devido a questões de ordem financeira. Esse meio empregatício, que durou sete anos, fez com que o público cedesse a “soltura” incomum das crônicas de Clarice, publicadas no *Jornal do Brasil*, e atualmente em parte publicadas em *A descoberta do mundo*, de 1984. Essa relação direta com os meios de comunicação em massa e, conseqüentemente, com o Estado, refletem de maneira visível como a escritora, enquanto intelectual, se punha frente às mazelas sociais brasileiras.

Assim, vemos que *A hora da estrela* pode ser entendida como a “hora” de maior lucidez crítica da intelectual, por esta tratar de questões que até hoje pululam no cenário sócio-cultural brasileiro e mundial. A fome, a miséria e a marginalidade são uns, entre muitos, dos assuntos que custaram caro ao projeto intelectual de Clarice, pois a mesma se via obrigada a estar em “dia” com as relações políticas, econômicas e sociais que a cercavam. Lispector “[...] era uma pessoa de grande integridade [social] e intensidade [...]. O problema social a angustiava (...)”. (BORELLI, *apud* GUIDIN, 1998. p. 101)

Toda nossa pesquisa centrou-se na leitura de obras literárias da escritora, com especial atenção o último livro publicado em vida pela mesma, e em obras teórico-críticas que analisam as produções de Clarice Lispector. Dentre estas podemos destacar os estudos biográficos de Nádya Battella Gotlib, os trabalhos publicados por Edgar Cézar Nolasco (orientador dessa pesquisa) que se vale de uma abordagem teórica culturalista para discutir as produções de Clarice, os estudos críticos de Benedito Nunes, voltados à produção da escritora.

Com relação aos estudos referentes à contextualização sócio-histórica-cultural da década de 70, sobressaem-se os trabalhos de Antonio Brandão e Milton Duarte, que analisam os *movimentos culturais de juventude* ocorridos na segunda metade do séc. XX e os estudos sobre a situação política referente ao apogeu e crise da ditadura na referida década realizados por Nadine Habert. Sobre as publicações especializadas na área da teoria e crítica culturais salientam-se os livros de Eneida Maria de Souza, Beatriz Resende, Tomaz Tadeu da Silva, Raymond Williams, Maria Elisa Cevalco e Fredric Jameson.

Trabalhos por nós já publicados e/ou apresentados em eventos da área, desenvolvidos a partir do Projeto de Pesquisa PIBIC/CNPq (2007-2008), já discutiram pontos relevantes com relação a contextualização histórica e cultural entre a década de 70 e *A hora da estrela*.



Dentre os principais textos e comunicações destacam-se “Em torno dos estudos culturais”, “A hora do Brasil de 70”, “Traduções culturais em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” e “Do prefácio à obra: *A hora da estrela* como ato socialmente simbólico”, para citar apenas alguns.

Baseados em nossas leituras, produções e discussões entre orientando e orientador, vemos que *A hora da estrela* sintetiza com louvor a coexistência do “eu íntimo” com o “eu social”, que juntos marcam a personalidade de Clarice enquanto intelectual. Mesmo afirmando reiteradamente no decorrer de suas obras e em entrevista concedida à TV Cultura no ano de morte que não era intelectual e nem escritora “profissional”, Lispector é tomada em nossos estudos como uma imagem alegórica do intelectual brasileiro da década de 70.

2. *Que quer dizer cultura?*

Cultura (...) deixa de ser uma manifestação ameaçada para passar a ser mesmo um capital, torna-se fichas que podemos colocar na mesa durante este perigoso jogo global.
(Beatriz Resende, *Apontamentos de crítica cultural*)

É escusado dizer que atualmente os estudos literários encontram-se não só atravessados como também sustentados pelos estudos culturais. Estes estudos surgiram entre as décadas de 60 e 70, com o objetivo de um “desvio” no percurso até então utilizados para compreender a cultura. Com um projeto inédito para ler a “alta cultura”, tais estudos também apresentavam de forma interessante um esboço para o que, posteriormente, se convencionará chamar de contracultura e cultura popular, suprimindo, dessa maneira, as necessidades exigidas por uma nova configuração sócio-histórica.

Conforme Terry Eagleton (2005), a Teoria Cultural foi resultado de uma pausa realizada por intelectuais que estavam dispostos a revisar seus objetivos e premissas, pois “teoria desse tipo acontece quando somos forçados a ganhar uma nova auto consciência crítica sobre o que estamos fazendo” (EAGLETON, 2005, p. 48). Junto a isso, surge uma nova concepção de cultura, agora esta configurada por uma cultura do consumo.

Na esteira de Johnson (2006), podemos ver os Estudos Culturais enquanto um movimento ou uma rede que atravessa e exerce grande influência sobre vários campos de conhecimento, especialmente os estudos literários, sociológicos, lingüísticos e históricos.



Apesar dessa grande gênese transdisciplinar, a primeira área a se apropriar dos fundamentos dessa nova teoria foi a crítica literária, com os trabalhos de Raymond Williams e Richard Hoggart.

Em toda nossa pesquisa nos valem os conceitos de cultura em Williams, porém ampliado para os postulados sobre a cultura pós-moderna de Frederic Jameson e atrelado aos estudos críticos de Beatriz Resende e Maria Elisa Cevalco.

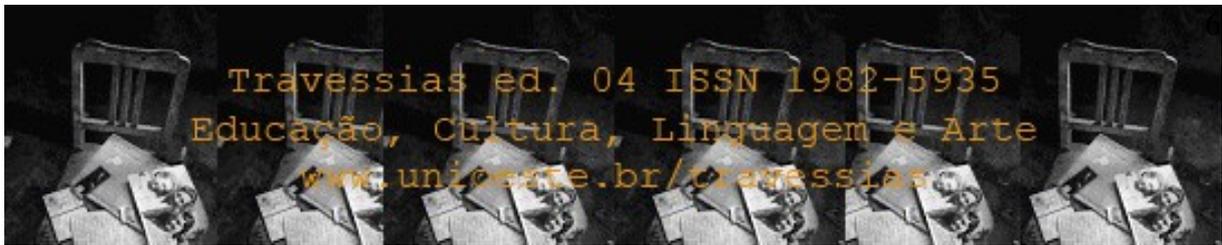
Segundo Beatriz Resende (2002), Williams sempre teve em seu projeto intelectual a preocupação em definir o termo cultura e ainda tinha plena consciência da amplitude e complexidade intrínsecas a tal definição. Em seu livro *Cultura* (1992), Williams procura demarcar os pontos importantes para a construção de uma sociologia da cultura, assinalando os diversos significados do termo e como os mesmos estão entrelaçados.

Conforme Williams, “cultura”, em um primeiro momento, foi entendida como “processo”, cultivo de vegetais, criação e produção de animais, e como “cultivo ativo da mente humana”. No fim do século XVIII, o termo passou a designar a “configuração ou a generalização do ‘espírito’ que informava o modo de vida global de determinado povo” (WILLIAMS, 1992, p.10).

O primeiro a aplicar esse termo no plural foi Herder, que objetivou demarcá-lo com um sentido não singular e excluindo um viés unilinear de civilização,, que perdurava na sociedade de então. Essa pluralização do termo foi de suma importância para o desenvolvimento da Antropologia Comparada no século XIX, período em que continuou designando um modo de vida global. Começou-se a pensar, com isso, em “específicas e diferentes culturas de diferentes nações e períodos, mas também específicas e variáveis culturas no interior [de uma mesma] nação” (RESENDE, 2002, p. 30).

Voltando ao sentido de “cultura” enquanto cultivo ativo da mente humana, Williams tece uma rede de significados a partir dessa concepção. O primeiro estaria relacionado a um “estado mental desenvolvido” do sujeito, que o designaria como “pessoa de cultura” ou “pessoa culta”. O segundo passaria a considerar os “processos desse desenvolvimento”, evidenciando os interesses culturais e as atividades culturais. E, por fim, o terceiro destaca os “meios desse processo”, concebendo a cultura como sinônimo de arte e o trabalho intelectual do homem.

Sabemos, pois, que todos esses sentidos são usuais, entretanto, é notório que a terceira concepção possui um sentido geral mais comum, englobando não apenas as artes e as



produções intelectuais, mas também o que Williams chama de práticas significativas: a linguagem, as artes, a filosofia, a moda e a publicidade. Apesar de todas essas concepções apresentadas por Williams, é visível que o mesmo procure rascunhar a possibilidade de um conceito geral, que não substitua todos os outros, mas que tenha a capacidade de englobá-los e o poder de desenhar o percurso de suas inter-relações.

Na esteira de Williams, “podemos especificar e fortalecer o conceito de cultura como um sistema de significações realizado” (WILLIAMS, 1992, p. 206). Esse sistema de significações pode ser distinguido de organizações sociais e sistemáticas. Essa distinção é necessária para abrir espaço ao estudo das inter-relações entre elas. Todavia, quando tentamos inter-relacioná-las, percebemos que cada sistema (político, econômico, geracional, cultural, etc.) possui seu próprio sistema de significações e que são elementos de um sistema maior: o social. Dessa forma,

o que se pretende é que a definição de cultura no sentido mais amplo ou mais restrito, como um sistema de significações realizado não só abra espaço para o estudo das instituições, práticas e obras manifestadamente significativas, mas que por meio dessa ênfase, estimule o estudo das relações entre essas e outras instituições, práticas e obras. (WILLIAMS, 1992, p.207-208)

Segundo Cevasco (2003), o ponto seminal da proposta de Williams é desbaratar o discurso de uma cultura exclusivista e auto-suficiente, e começar a conceber esta como parte de uma cultura em comum, “onde os significados fossem construídos [em relação], por todos, e não por uns poucos privilegiados” (CEVASCO, 2003, p. 139). Essa “cultura em comum” seria aquela que se sustenta pelas práticas de *todos* os seus membros, e não aquela onde o que tem valor cultural é oriundo da classe dominante e produzido por poucos.

Em *Apontamentos de crítica cultural*, Beatriz Resende afirma que a complexidade do termo em questão não está na palavra, mas sim no seu uso, e que os vários problemas emergem quando pensamos nas distinções entre cultura e contracultura. Esse debate contemporâneo que polariza as manifestações culturais é questionada por Williams, pois para este tais manifestações são dependentes entre si e definem-se em co-relação.

Com a expansão de uma lógica mercantil propagada pela comunicação de massa na pós-modernidade, o crítico norte-americano Fredric Jameson formula uma redefinição para o termo. Segundo ele, “a própria ‘ditadura’ se tornou um produto, o mercado tornou-se seu



próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem” (JAMESON, 2004, p. 14).

Na esteira de tais críticos aqui mencionados, vemos que desde a década de 70 não temos como falar em um conceito uno, hegemônico e fechado de “cultura”. Este termo tem que ser tomado por meio de um discurso relacional por excelência, pois as fronteiras entre a cultura erudita e a cultura popular estão cada vez mais apagadas e complicadas de serem detectadas.

“Que quer dizer cultura?”. Essa é a pergunta que o intelectual Rodrigo S. M. (“Na verdade Clarice Lispector”) coloca na boca de sua personagem representante de uma raça anã teimosa: a nordestina Macabéa. A partir de *A hora da estrela*, Clarice propõe um novo ângulo para se ler os conceitos canônicos e excludentes que se configuravam no cenário cultural e letrado de até então.

Em várias personagens do livro posto a exame, Clarice procura rascunhar uma imagem para a cultura nacional brasileira, onde se amalgamam traços marginais, populares e mercadológicos. A escritora banaliza e desacraliza a tal ponto o *locus* ocupado pelas produções saídas da cultura, que até mesmo o registro que o narrador/autor/personagem começa contar é patrocinado pelo “refrigerante mais popular do mundo”.

Mesmo não sabendo quem era quando acordava pelas manhãs para ir trabalhar, Macabéa “pensava com satisfação: sou datilógrafa, virgem e gosto de coca-cola”. A partir dessa pequena biografia, que fazia com que a jovem alagoana existisse, Clarice evidencia como até os alimentos perderam a fixidez territorial dentro da cultura mundial.

Conforme Renato Ortiz (2000), depreendemos da obra de Clarice um conceito de cultura entendido como um espaço desterritorializado de conteúdos particulares, pois não sabemos até onde vai o limite entre o próprio e o alheio. O que temos agora é uma “cultura internacional-popular” cujo fulcro é o mercado consumidor, formado por indivíduos enquanto clientes potenciais dos objetos cosmopolitas que povoam o planeta.

A partir dos estudos realizados sobre a década de escrita e publicação de *A hora da estrela*, podemos ver que Lispector retrata fielmente o contexto do Brasil à época. Esse período foi marcado por grande censura e repressão aos meios artísticos, que estivessem à revelia ideológica do poder vigente; por isso Nadine Habert afirma que tal período ficou conhecido como os “anos de chumbo” da ditadura militar no Brasil.



Considerando o livro de Clarice, vemos que a mesma faz de sua obra um objeto cultural *alegórico* dos anos 70. Para tanto, as personagens da narrativa foram tomadas em nossa pesquisa enquanto construções metafóricas do povo e do intelectual brasileiros.

Uma das figuras *alegóricas* do livro trata-se do emblemático “intelectual” (escritor) narrador-personagem Rodrigo S. M.. Este pode ser visto como um representante dos intelectuais e artistas que foram literalmente sufocados com a institucionalização da censura. Como afirma o próprio, “[...] tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado” (LISPECTOR, 1984, p. 29). Esse “rufar enfático” que ressalta sobre a escrita de Rodrigo nos concede margem para afirmarmos que a produção cultural do período foi concebida sob um compasso musical ditado pelos militares e ainda severamente fiscalizado pelos censores.

Rodrigo S. M. passa ainda por outras restrições no decorrer da narrativa. É como se ele vivesse num exílio interno dentro de seu próprio país. Com isso, o mesmo sente a necessidade de se trancar num cubículo para escrever sobre si e sobre a jovem com ferrugem. Nas palavras de Rodrigo S. M.:

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contato com ninguém. (LISPECTOR, 1984, p. 22).

Essa visada sobre Rodrigo S. M. nos aproxima da tese defendida por Fredric Jameson de que toda narrativa possui um *inconsciente político* incontestável. Segundo Jameson, na construção de determinada análise de um texto cultural devemos traçar os múltiplos caminhos que nos levam a ver os artefatos culturais como *atos socialmente simbólicos*. Dessa maneira, quando trazemos para superfície do texto a realidade reprimida e oculta da [...] história fundamental, [...] a doutrina de um inconsciente político encontra sua função e necessidade. [...] Pois tudo é social e histórico, ou seja, tudo é político (JAMESON, 1992, p. 18).

Contudo, Clarice não se preocupa tão-somente em retratar a situação na qual encontravam os intelectuais do período. Ao construir uma das principais personagens de *A hora da estrela*, Lispector nos mostra a situação pela qual passava o povo brasileiro no período da repressão militar. Macabea, esse é o nome da moça. Essa jovem havia saído do



Nordeste rural brasileiro para o “clã do sul do país”, o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida. Assim como a moça alagoana, muitos brasileiros migraram na década de 70 para o sudeste do país, impulsionados pela ilusória idealização de um “milagre econômico” divulgado pelo governo militar. Quando chega à “cidade toda feita contra ela”, a jovem com ferrugem vai dividir um quarto com quatro companheiras, as Marias, balconistas das Lojas Americanas.

Macabéa é subitamente inserida em um espaço onde a sociedade técnica imperava e mal sabia ela que “era um parafuso dispensável”. A jovem protagonista retrata com fidedignidade um retrato do povo brasileiro cercado pela moldura construída pelos militares. “Devo dizer que ela era doida por um soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?” (LISPECTOR, 1984, p. 43).

Ao mesmo tempo que se sentiam amedrontadas e reprimidas, as pessoas se iludiam com a política superficial do desenvolvimento econômico que o Brasil demonstrava ter. Com um maior acesso aos bens de consumo duráveis, o povo demonstrava gozar de um alegria sem fim, que se lê na voz de Rodrigo S. M.: “ela [Macabéa] era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra” (LISPECTOR, 1998, p.36).

Essa *alegorização* depreendida por Clarice fica mais bem ilustrada se utilizarmos as palavras de Jameson, quando este afirma que todo texto cultural é tomado como modelo essencialmente alegórico da sociedade como um todo, seus símbolos e elementos, tais como a “personagem” literária, vistos como tipificações (JAMESON, 1992, p. 30).

Essa questão de tomar *A hora da estrela* como um objeto alegórico da cultura nacional começou a ser desenvolvida por nós em “Do prefácio à obra: *A hora da estrela* como ato socialmente simbólico”, artigo aceito para publicação em *O objeto de desejo* (livro no prelo). A partir deste trabalho, começamos a nos voltar para a proposta de leitura que o próprio prefácio, presente na primeira edição do livro da escritora, propunha.

Tal prefácio foi um pedido que Clarice fez ao amigo Eduardo Portella, então professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O referido prefácio, que possui por título “O grito do silêncio”, nos leva a depreender do mesmo duas questões importantes. Uma dessas é que o texto de Portella deveria invariavelmente preceder o livro independente da edição, por ser um pedido de Clarice ao amigo; é como se fosse uma condição estabelecida pela escritora, que possuía uma consciência crítica apurada da função desse prefácio em sua obra, por mais que não tenha em nenhum momento feito qualquer alusão do mesmo. A outra é que tal prefácio



não ocupa o lugar convencional antecedendo o texto clariciano. Ao contrário, o prefácio encontra-se entre o texto de Lispector, ou seja, situa-se entre a “Dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)” e os catorze possíveis títulos que Clarice atribui ao livro.

Neste trabalho, servimo-nos das cinco proposições básicas na constituição do prefácio moderno propostas por Antoine Compagnon em *O trabalho da citação* (1996). Contudo, a que merece aqui ser posta é que todo prefácio tem que ser “visto como a proposta de um método de leitura, [...] [o texto introdutório é] uma advertência quanto a maneira de ler [...] o livro” (COMPAGNON, 1996, p. 131).

Assim, diríamos que todas as possíveis leituras futuras possíveis do livro, bem como os demais prefácios que suplementam o texto contribuem para uma interpretação mais coerente da obra como um todo quando lembramos, em pano de fundo, do referido prefácio feito a pedido. Logo, o prefácio é o início de uma proposta de leitura e ao mesmo tempo *a morte da escrita*.

No início de seu texto, Portella afirma que *A hora da estrela*, é uma “narrativa de agora [que] se amplia numa alegoria regional, que é também a alegoria da esperança possível” (PORTELLA, In. LISPECTOR, 1984, p. 10). Conforme Jameson, essas narrativas alegóricas ocorrem com grande frequência nos textos literários por refletirem questões coletivas referentes à História e à realidade; pois “a moça alagoana é um substantivo coletivo” (PORTELLA, In. LISPECTOR, 1984, p. 10).

Algo que também nos chamou atenção nesta proposta de leitura oferecida pelo prefácio foi o título parodístico que Portella atribuiu ao mesmo: “O grito do silêncio”. Esse grito é a metaforização da voz dos subalternos, dos marginalizados e dos excluídos da cultura brasileira letrada. Ao parodiar um dos possíveis catorze títulos da obra - “O direito ao grito”- Portella deixa bem claro o lugar e o papel que o seu texto ocupa na construção de sentido da obra.

Esse “grito” destacado por Portella é uma forma da intelectual Clarice Lispector, travestida alegoricamente em Rodrigo S. M., evidenciar por meio de sua literatura as mazelas sociais que formam a nossa sociedade. Tal grito dado por Lispector é oriundo de uma experiência da necessidade. Assim como Macabéa “que grudou na pele de [Rodrigo S. M.] qual melado pegajoso de lama” (LISPECTOR, 1984, p. 28), essa necessidade de “força da lei” com o social esteve, de certa forma, inscrita no projeto intelectual da escritora. Segundo



Lispector, “através dessa jovem dou meu grito de horror à vida. A vida que tanto amo [e ainda] [...] porque há o direito ao grito. Então eu grito” (LISPECTOR, 1984, p. 41, 19).

Outro ponto elencado em nossa pesquisa, é que o último livro publicado em vida pela escritora possui um fundo autobiográfico incontestável. Como forma de registro dessa parte do resultado de nosso trabalho, apresentamos um pôster intitulado “*A hora da estrela*: um retrato bioficcional de Clarice Lispector”, no evento *Seminário Internacional Clarice em cena: 30 anos depois*, que comemorava os 30 anos de morte da escritora. Tal evento ocorreu na Universidade de Brasília (UNB), durante os dias 28, 29 e 30 de novembro de 2007, sob organização do professor André Luis Gomes.

Essa aproximação entre vida e obra nos é proporcionada pela teoria da crítica cultural, que afirma ser o fato e a ficção instâncias que dialogam e se complementam através do objeto cultural que é o texto literário. Segundo Eneida Maria de Souza, o crítico contemporâneo não deve mais conceber o texto literário limitando-o aos muros da imanência textual, pois onde ficam as produções documentais do autor (correspondências, entrevistas, depoimentos...) frente a produção literária?

Na esteira de Eneida, vemos que a crítica biográfica se ocupa em reconstituir os ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linguagem e a sua inserção na política e no pensamento cultural da época (SOUZA, 2002, p. 106), construindo, dessa forma, uma melhor compreensão do grande tecido sócio-histórico-cultural que é o texto literário.

Em *A hora da estrela*, salvo as poucas diferenças, vemos que a escritora constrói o seu próprio retrato bioficcional. Tal retrato é como se fosse constituído de uma face dupla, uma representada por Rodrigo S. M. e a outra o reflexo de Macabéa, ou seja, é a própria Clarice se tecendo e destecendo por meio das biografias do autor/narrador/personagem e da anti-heroína. Assim, entre biografias, fotobiografias e biografemas, o triângulo biográfico (Clarice, Rodrigo e Macabéa) se articula e se apresenta em uma “dramaturgia da subjetividade”, expressão de Lúcia Helena.

Sabemos que as semelhanças entre os fatos vividos por Clarice e os fatos ficcionais criados pela mesma são gritantes. Contudo, o que mais nos chama atenção é o caminho inverso trilhado pela escritora, ou seja, Lispector não parte somente da vida para ficção, mas também toma esta para vida. Isso fica bem claro na entrevista que a intelectual concedeu à Julio Lerner, na TV Cultura, em 1976, mas que só foi ao ar em 1977, ano de sua morte.



Esta entrevista foi concedida tempo depois da escritora finalizar seu livro *A hora da estrela*. Nela a mesma se recusa a esclarecer argüições sobre o mesmo: “P. Qual o nome da heroína da novela? C.L. Eu não quero dizer. É segredo. P. E o nome da novela você poderia revelar? C.L. Treze nomes, trezes títulos” (GOTLIB, 1995, p. 458). Diante dessa resposta justifica-se o fato da referida novela apresentar treze prováveis títulos, lembrando que a escritora renega o décimo quarto, a sua própria rubrica.

Quando Lerner pergunta a Lispector como que surgira a história de Macabéa, a mesma responde:

- Eu morei no Recife; eu morei no nordeste; eu me criei no nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e ma vez eu fui lá e peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a idéia (LISPECTOR, *apud* NOLASCO, 2007, p. 26).

Vemos na esteira de Nolasco que a fala de Clarice já estava “filtrada” pelo que a mesma dissera por meio da escrita de Rodrigo S. M.. Isso fica mais claro quando contrapomos a fala da escritora com a narrativa posta pelo autor/narrador:

É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em mínimo me criei no Nordeste [e] [...] se sei quase tudo de Macabea é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada (LISPECTOR, 1984, p. 18, 66).

É notório que em *A hora da estrela* o vivido e o ficcional se (con) fundem, se rasuram, se cruzam, a ponto de não sabermos com precisão as fronteiras entre o biográfico e o literário. “Colocar” o ficcional no real, e vivê-lo enquanto este ilustra de maneira inescrivível a simbiose entre a criação e o criador. Além de Macabéa ter a cara do Brasil, como disse Susana Amaral (diretora do filme *A hora da estrela*), Clarice tem a cara de Rodrigo e a cara de Macabéa. Entre um e todos, entre a datilógrafa e o escritor, entre a ficção e o real, é nesse “entre” que concebemos a figura da intelectual, pois como disse a mesma “nós somos um”. Assim, da vida à obra e do texto da ficção ao texto da vida, a imagem do próprio, tanto da escritora quanto do texto, é rasurada, como forma de lembrar-nos, talvez, de que a



propriedade do que quer que seja em Clarice Lispector, está sempre aquém da vida e além da ficção (NOLASCO, 2004, p. 200).

3. *A saída discreta da intelectual pela porta dos fundos*

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que tivesse sido e não fui.

(Clarice Lispector, *A hora da estrela*)

Por tudo aqui exposto, vemos que *A hora da estrela*, além de sintetizar magistralmente o projeto intelectual de Clarice Lispector, representa com louvor a *saída discreta da escritora pela porta dos fundos* do teatro da vida. Tal livro trata-se da “hora” de maior lucidez crítica de Clarice frente à cultura, o marginalizado, a mulher, o consumo, a insignificância, o excluído, a fome, a miséria, a vida e a morte.

Nas palavras de Olga Borelli, amiga e secretária da escritora, o problema social angustiava Clarice. Por transpor o social de maneira singular e particular, a escritora era muitas vezes catalogada como alienada e hermética por fugir dos padrões dos “escritores engajados” de sua época. O nosso estudo vem comprovar que alguns postulados elencados durante esses 30 anos de crítica podem e devem ser repensados, discutidos, desconstruídos, no bom sentido, principalmente aqueles que são hoje concebidos e postos como lições (cf. SOUZA, 2002, p. 79).

Com a morte de Macabéa, morrem Rodrigo, a escritora, a narrativa, o enredo, a esperança possível, a culpa, o futuro, o grito, o silêncio, a raça anã, o capim, e tudo como *se antes tivessem estudado de cor a representação do papel da estrela, pois a hora da morte é o instante da glória, da brilhante estrela de cinema*. Fizemos, o fim da escrita, mas o início de mil e um estudos a serem feitos sobre a vasta ficção de Clarice Lispector.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 15ª ed. São Paulo: Moderna, 1990. (Coleção Polêmica).

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial.

DEVIDES, Dílson César. **30 anos de Rock: Raul Seixas e a cultura brasileira: (de 1970 à contemporaneidade)**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

FERREIRA, Rony M. C.; NOLASCO, Edgar César. A hora do Brasil de 70. In: **Revista Travessias - Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Artes**. V. 2, p. 01-08, 2008.

FERREIRA, Rony M. C. **Cultura e contracultura em Clarice Lispector (de 1970 à contemporaneidade)**. Relatório Final de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – Período 2007-2008.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de leitura: A hora da estrela** de Clarice Lispector. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004.



JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: Silva, Tomas Tadeu da. (Org. e Trad.) **O que é, afinal, Estudos culturais?** 3ª ed. São Paulo: Autêntica, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A hora da estrela**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector**. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2007 (Série Linguagens).

_____. **Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector**. São Paulo: Annablume, 2004.

NOLASCO, Edgar Cézar. (Org.) **Espectros de Lispector: uma homenagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

ORTIZ, Renato. **Mundialização da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PORTELLA. O grito do silêncio. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RESENDE, Beatriz. **Apontamentos de crítica cultural**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

SILVA, Tomas Tadeu da. (Org. e Trad.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª ed. São Paulo: Autêntica, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2002 (Coleção Humanistas).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2ª ed. Tradução de Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.